

Editorial

Tem sido um grande desafio atualizar a revista Mal-Estar e Sociedade que ficou parada por algumas edições. Nossa pausa forçada se deu em virtude de muitas alterações por que passamos em relação aos professores da UEMG/Barbacena vinculados à revista, alguns foram para outras instituições. Outros ficaram, mas pra isso tiveram que passar processos seletivos que demandaram tempo. Teve também os profissionais chegaram, como resultado desses mesmos processos seletivos. Enfim, foram muitas mudanças que acabaram por refletir na periodicidade deste projeto, que jamais pensamos em interromper definitivamente.

Este número marca a retomada sistemática dos trabalhos que vão atualizar a revista. A temática da Educação aliada à Linguística, Psicologia, Filosofia e a todas as outras áreas Humanas marcam a interdisciplinaridade intrínseca da Educação, refletindo num amplo espectro de assuntos possíveis de discussão na Mal-Estar. Portanto, entramos em discussões ricas das Humanidades e suas múltiplas facetas, abarcando temas necessários para reflexões que vão se consolidando e fortalecendo uma área abrangente e rica em relações. Outros temas são resgatados, visando fazer frente aos recentes retrocessos, fazendo os urgentes contrapontos para preservação do tecido social que nos sustenta.

Para iniciar a discussão proposta por este n.02 de 2019 da revista Mal-Estar, Cosme Leonardo Almeida Maciel, no texto “Concepção materialista da história em Benjamin e Gramsci: Contribuições para a pesquisa em educação”, traz uma valorosa discussão que nos convida à reflexão acerca da importância do método do materialismo histórico e sua relevância para a pesquisa educacional. Sua abordagem propõe um resgate das contribuições teóricas de Walter Benjamin e Antonio Gramsci a partir de “Obras Escolhidas” de Benjamin e “Concepção dialética da história”, de Gramsci, sob uma perspectiva contextualizada social e historicamente, assim como, situada nas respectivas biografias dos autores.

Aline Regina Cardozo Brito e Cristiane Craveiro de Azevedo Mendes, autoras do texto “A experiência cibercultural com a poesia elziana na educação de jovens e adultos”, abrem uma frente de discussões a partir dos problemas denunciados por Elza Soares em suas letras mais recentes, a partir de uma intervenção pedagógica junto a jovens e adultos, no contexto da cibercultura, trazendo relevantes relatos de experiências que

permitem vislumbrar novas possibilidades pedagógicas para oportunizar o debate em torno de resistência, ativismo e a necessária conscientização dos educandos quanto aos problemas sociais que os circundam. Nesse diapasão, as autoras sinalizam caminhos possíveis para o currículo e as metodologias voltadas à Educação de Jovens e Adultos que priorizam as vivências desses indivíduos, situadas no universo da cibercultura, como esteio mobilizador da consciência e de aprendizagens mais significativas.

No terceiro texto, “Capital cultural familiar e desempenho escolar: Evidências do sistema de avaliação da educação básica”, Maria Angélica Martins Ferreira e Valnides Costa Araújo trazem uma oportuna discussão sobre a relação do Capital Cultural familiar e o desempenho escolar dos alunos da Educação Básica. O debate suscitado pelo texto parte de evidências do Sistema de Avaliação da Educação Básica, permitindo identificar que nem sempre a variedade de posse ou acesso a recursos do Capital Cultural influenciam positivamente o desempenho escolar dos alunos da Educação Básica. Por outro lado, os resultados da pesquisa apontam que o ambiente familiar e a sua relação com as crianças a partir de incentivo e participação ativa dos pais, dando consistência ao acesso e consumo dos recursos do Capital Cultural, tem relação direta com o bom desempenho escolar dos estudantes.

Já o texto “Espaço de educação não formal e sua contribuição na prática dos docentes e na aprendizagem dos discentes”, de autoria de Kelly Cristina Viana da Silva e de Valnides Araújo Costa, a partir de uma abordagem de pesquisa de métodos mistos, assume o objetivo de identificar as características de um espaço de educação não formal e sua contribuição, na prática dos docentes e na aprendizagem dos discentes. Na condução da pesquisa e das discussões, os autores se norteiam pela abordagem de Gohn (2006) que postula que a educação não-formal é uma área do conhecimento ainda em processo de construção, mas que uma das suas funções é a de capacitar o indivíduo para o mundo. A pesquisa analisou as experiências dos frequentadores da Casa Torta e apontou que os momentos de rico contato familiar oportunizados neste ambiente exercem profunda influência positiva sobre o desenvolvimento das crianças, em uma perspectiva de aprendizagem não formal, contribuindo para a expansão da consciência, da imaginação, da curiosidade, da criatividade e de múltiplas habilidades potencializadoras para expansão do conhecimento ancoradas em práticas lúdicas e que apoiam de maneiras diferenciadas o aprendizado para a vida.

O quinto e o sexto textos, respectivamente, “Síndrome de Down: familiar e escolar”, de Cristina Hill Fávero e de Suellen Paula Nascimento, “Inclusão social na

educação infantil”, de autoria de Cristina Hill Fávero e Maria Nazaré da Paz Ferreira Duarte, nos confrontam com a permanente e imperiosa necessidade de refletir sobre a inclusão. O pano de fundo do quinto trabalho é a pesquisa bibliográfica em torno da Síndrome de Down (SD) e a importância dos papéis da família e da Escola no processo de inclusão, de desenvolvimento e de aprendizagem do aluno com este perfil. Segundo a discussão proposta pelas autoras, a abordagem pedagógica deve se nortear pelo respeito e valorização das diferenças, contemplando as capacidades e especificidades de cada indivíduo e entendendo que o processo de ensino e aprendizagem é, por natureza, dinâmico e diverso, não podendo deixar, jamais, de ser inclusivo. Já o sexto texto, tendo como ponto de partida a mesma temática da inclusão, conclui que a Escola, através da proposição de currículos e do pensar sobre a prática docente, necessita pautar a temática da inclusão sob o prisma da Inclusão Social, que deveria ser um resultado pretendido, enquanto consequência da estrutura da sociedade. Nesse sentido, caberia à Escola possibilitar uma análise crítica da realidade, apontando as condições históricas e sociais que resultaram na desigualdade social em que se vive, viabilizando discussões que poderiam apontar alternativas, especialmente para as pessoas com deficiência.

Por fim, fechando esta edição, somos agraciados com a resenha do Professor Mauro Rocha Baptista, sobre a obra “O mistério do mal: Bento XVI e o fim dos tempos.” de Giorgio Agamben. A abordagem inicia contextualizando a trajetória pessoal e a perspectiva analítica do conjunto da obra de Agamben, num preâmbulo para nos brindar com a descrição e análise da obra em si, nos convidando a refletir sobre o estado de exceção em que vivemos a partir da contraposição entre legalidade e legitimidade, tão evidente no desfecho da renúncia de Bento XVI.

Assim, se delineou esta edição da Revista Mal-Estar e Sociedade, em verdadeiro esforço para a necessária retomada! Como sempre, este afincado se ancorou no trabalho sério e abnegado de múltiplos profissionais, professores, pesquisadores, a quem agradecemos imensamente! Este esforço encontra sentido ante o compromisso desses profissionais diante da Ciência e de sua consolidação como lócus e como práxis epistemológica e metodológica capaz de apoiar o avanço da Humanidade. Esperamos que esta diligência e este compromisso sejam significativos para os nossos leitores e que os ajudem a aplacar algumas dúvidas, enquanto fomentam novas questões norteadoras para continuidade do progresso da Ciência!

Boa leitura!
Daniele Ribeiro e Luciano Alves Nascimento